

*LINDSEY DAVIS*

*A INFORMADORA*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*RAQUEL DUTRA LOPES*

ASA

*A INFORMADORA*

## O ELENCO

### *Vizinhos e Família*

Flávia Albia	pronta para tudo, sem esperar nada de bom
Marco Dídio Falco & Helena Justina	seu pai e sua mãe, pais típicos
Júlia e Favónia	suas irmãs mais novas, raparigas normais
Póstumo	o irmão mais novo, um rapaz muito estranho
<i>Furão</i>	sempre à procura de sarilhos
Junilo	um primo, surdo mas nada tonto
O falecido Lentulo	um bom homem que morreu jovem
Ródão	um mau gladiador que não morre
Prisca	proprietária de uns banhos públicos
Serena	sua massagista, pequena mas forte
Cloé e Zoé	gladiadoras grandes e fortes
A família Mythembal	disfarce local para Albia
<i>Robigo</i>	uma raposa urbana
Tito Morelo	um investigador dos <i>vigiles</i> , inapto mas prestável
Cássio Scauro	seu superior, um tribuno inferior
Félix	o condutor de Falco, um engodo
<i>Coices</i>	a sua mula, de bom ritmo
<i>Tonta, Tola e Patareca</i>	três galinhas envolvidas em evasão fiscal

### *Os Mortos e os Enlutados*

Lúcio Basso	falecido aos três anos, uma tragédia
Salvídia	falecida, a cliente que nunca paga
Metelo Nepos	um cliente equivocado, que paga

Celendina	uma vítima idosa que falou de mais
Quilo	o seu filho, que nada recorda
Lupo	falecido aos 15 anos, outra tragédia
O pai e os irmãos de Lupo	que nada viram de suspeito
Júlio Viador	23 anos, em forma, maçador e falecido
Cassiana Clara	sua viúva desconsolada, que esconde algo
Laia Graciana	do culto de Ceres, uma mulher com um passado
Venúsia	sua criada, que nada diz
Márcia Balbila	neófito de um culto rival, uma mulher cheia de surpresas
Ino	sua criada, falecida, uma memória comovente
Um agente funerário	que lucra com tudo isto

### *Outros Intervenientes*

A Deusa Ceres	portadora de abundância (de problemas)
Andrónico	um arquivista, um pretendente curiosamente sedutor
Tibério	um agente à paisana, com perguntas por responder
Mânlio Fausto	um edil da plebe, personagem incerta

Lúcio Basso tinha três anos quando, aproveitando uma breve distração da mãe, saiu de casa a correr para ir brincar. Moravam na Clivus Publicius, uma rua íngreme no monte Aventino, e foi aí que a carroça de um construtor o atropelou. A carroça, que escapara ao controlo do condutor ao acelerar pelo declive abaixo, pertencia a Metelo e Nepos, uma organização que trabalhava a partir de um estaleiro no monte. Ninguém falava de Nepos; ao início, cheguei a julgar que talvez fosse uma invenção para algum estratagem de evasão fiscal.

Esta organização não era mais desonesta do que a maioria na Roma Imperial. Fornecia equipamentos a proprietários de estabelecimentos que pretendessem trocar um aspeto inegavelmente desmazelado por uma aparência de higiene. O costume era a equipa de Metelo responsabilizar-se por uma limpeza a fundo e uma renovação sofisticada, prometendo completar os trabalhos no prazo máximo de oito semanas. Na prática, todos os projetos demoravam dois anos, poupando nos acabamentos. Reparavam bancadas de mármore com argamassa, mudavam o degrau do patamar, forneciam uma tabuleta com erros ortográficos e pediam mundos e fundos pelo serviço. Por essa altura, os clientes, incapazes de se manterem em funcionamento com a permanente nuvem de poeira,

já tinham perdido a freguesia e estavam à beira da falência. Eu ficava abismada por outros proprietários de tabernas, tendo visto o que acontecera, continuarem a recorrer aos serviços da firma, mas de facto recorriam. Ao longo dos anos, a Metelo e Nepos tinha obtido bom lucro com os vendedores de zurrapa que inocentemente confiavam na empresa. Porém, matar uma criança, na comunidade unida do Aventino, onde sempre havia *alguns* princípios, era capaz de ser uma estupidez do ponto de vista comercial.

Os ferimentos de Lúcio provocaram-lhe morte imediata. Nem teve hipótese. Morreu junto ao passeio. Como era inevitável, nesse preciso momento a mãe desvairada saiu da casa, o que contribuiu para aumentar a revolta dos populares.

A carroça decrépita estava sobrecarregada. Os bois exaustos já tinham há muito passado do auge e não havia dúvida de que o condutor seguia para lá de embriagado, por mais que o negasse por princípio. O princípio era que Salvídia, a viúva avinagrada que herdara o negócio de mobiliário comercial do marido que enterara, não lhe pagaria o ordenado caso ele reconhecesse a verdade. Havia testemunhas, um grande grupo reunido na Clivus, todas elas muito interessadas, mas todas desapareceram quando um intrometido agarrou numa tabuinha, com a intenção de começar a registar os nomes dos presentes.

Depois de o funeral – com o seu patético caixão minúsculo – ter tido lugar, alguns vizinhos bem-intencionados começaram a sugerir que a família teria direito a ser financeiramente recompensada pela terrível perda. Todos concordaram que deveriam contratar de imediato um informador para tratar das questões legais. Se ser atingido na cabeça por um vaso de flores poderia valer dinheiro para a vítima, qual seria o preço da vida de uma criança à luz da lei civil? Alguém (corriam rumores de que teria sido o intrometido da tabuinha para tirar notas que mencionei) até escreveu num muro um apelo a cidadãos preocupados que tivessem presenciado o acidente, para que se apresentassem. Isso deve ter surgido antes do primeiro dia de abril, pois foi nas calendas que o vi. O aviso tinha

um ar oficial. Embora não oferecesse de facto pagamento, implicava possíveis benefícios. Na minha qualidade de profissional, li-o com interesse. Considerei-o subtil.

Por essa altura, eu já estava envolvida na questão. Qualquer investigador que fosse favorecido pela Fortuna aceitaria representar a mãe inconsolável que procurava negociar uma compensação. Tratava-se de uma tarefa de espírito comunitário, na qual uma pessoa de reputação séria poderia manter a consciência tranquila: era uma questão de se olhar para os factos, apresentá-los sucintamente aos culpados, dizer: «Eu sou um informador cheio de experiência e isto para mim é pão, pão, queijo, queijo; uma criança morreu e os membros de qualquer júri teriam de limpar as lágrimas às togas, mas ninguém quer que o caso chegue a tribunal, pois não?» Os culpados abririam os cordões à bolsa e o informador recolheria a sua percentagem.

Não sucedeu isso comigo. A Fortuna nunca me favoreceu e ser mulher acarretava o problema de por vezes só conseguir obter os trabalhos que todos os informadores do sexo masculino haviam farejado e recusado. Estava num mês desses. Quanto a *mim*, fui contratada por Salvídia. A proprietária da Metelo e Nepos queria que eu contestasse a reivindicação da mãe. Típico.

Do que já revelei acerca deste grupo construtor, o leitor calculará que o meu contrato assentava numa base de «sem vitória não há remuneração». Na verdade, eu começava a intuir que essa base até poderia resumir-se a «mesmo que venças, os sovinas são capazes de nunca te pagar» – como acontecia com tanto do meu trabalho, infelizmente. Ao fim de uma semana, sentia-me disposta a abandonar o miserável projeto, mas já lhe tinha dedicado uma quantidade considerável de horas e, além disso, nunca gostei de ser derrotada. O aviso a requisitar testemunhas dava-me a entender que não era a única.

A inscrição no muro incluía uma morada à qual as pessoas podiam dirigir-se para prestarem declarações e, dado que a minha investigação estava parada, fui até lá, a fim de verificar se alguém já

o fizera. Argumentaria que estava a ajudar um dos lados da disputa, pelo que tinha o direito de o perguntar. Sendo mulher, não tinha quaisquer direitos em questões legais, mas porque haveria eu de deixar que isso me impedisse de fazer o que quer que fosse? De qualquer maneira, esperava que chegássemos a um acordo extrajudicial. Qualquer coisa que acabasse depressa com aquilo, para eu poder abandonar o caso.

A morada correspondia ao Templo de Ceres. Ficava perto da minha casa e do meu escritório, ainda que numa rua muito mais imponente do que o beco em que eu vivia. Qualquer sítio seria mais elegante do que esse. O Paço da Fonte não é minimamente atraente para os fundadores de belos edifícios religiosos.

Em Roma, é comum marcar encontros em templos. Para desconhecidos, trata-se de terreno neutro. Por exemplo, homens casados consideram oportuno apanhar prostitutas nas escadarias de templos. Quanto mais grandioso o templo, mais miserável será a multidão que o cerca. Indiferente ao lado sórdido da nossa cidade, o povo passa sem dar por nada. A sugestão de uma reunião num templo seria, presumi eu, uma mera questão de conveniência. Sem lhe atribuir grande importância, encaminhei-me para lá de livre vontade.

Só quando perguntei pelo contacto listado no aviso do muro é que fiquei a saber que se tratava de um figurão, de toga debruada a púrpura, que pertencia a uma classe antiga de magistrados. O Templo de Ceres era o quartel-general e depósito de arquivo desta classe.

Pensei melhor. Depois fui a casa e alterei ligeiramente a minha aparência. Ia visitar o gabinete de senhores de grande importância em Roma: homens ricos e poderosos. Não me parecia que o próprio «Mânlio Fausto» tivesse agarrado num giz e rabiscado um muro da Clivus Publicius, mas algum dos seus lacaios decerto o fizera por si. Esse lacaios deveria estar convicto de que Fausto gostaria de se impor. Por definição, este magistrado era uma daquelas ameaças que enlouqueciam comerciantes a verificar as balanças dos

mercados. O meu pai tinha-me ensinado a evitar gente assim, embora, na verdade, empertigados de tão elevada estirpe não vivem comigo. Disponho de alguns contactos, mas nenhum de tão alta importância.

Não obstante, respeitar a oposição traz sempre recompensa. Por isso, mudei de roupa e vesti uma túnica comprida num tom neutro, não branco, não de um linho completamente cru, mas apurada, simples e nada ameaçadora. Continha uma gola debruada que sugeria riqueza, o que por sua vez era indicador de uma mulher com homens influentes a apoiá-la, uma mulher que não deveria ser dispensada de forma apressada ou com demasiada indelicadeza.

Os meus brincos eram simples rosetas de ouro. Acrescentei uma fileira de pulseiras, para me imbuírem de confiança. De cabelo apanhado ao alto, coloquei três gotas de um perfume discreto. Uma estola larga: o ar recatado e respeitável de uma viúva. De facto sou viúva, pelo que essa parte correspondia à verdade.

A minha mãe ensinara-me o papel de uma matrona submissa. Era ridículo e hipócrita, mas já o representava como uma segunda natureza e conseguia levá-lo a cabo sem me rir.

Assim, convencida de que era tão boa quanto eles e capaz de os enfrentar, parti para o meu primeiro encontro com os edis da plebe.

O Templo de Ceres fazia de tal maneira parte da minha paisagem local que, regra geral, eu ignorava-o. Encontrava-se na encosta norte do Aventino, a uma curta caminhada colina acima desde os portões ao fundo do Circo Máximo. Era um edifício austero, desenhado num passado remoto e que parecia mais grego do que romano, dado o seu pendor arcaico; as pesadas colunas cinzentas que o rodeavam tinham bases espessas e capitéis curiosos que, se isto é assunto que lhe interesse, não eram nem jónicos, nem dóricos. Creio que o termo que se utiliza é «de transição». Não me parece que a distinção desse que pensar a muita gente; a maioria provavelmente nunca levantava os olhos o suficiente para reparar nisso. Mas eu tinha passado a infância a mil milhas de Roma, num vilarejo devastado durante uma revolta e que ainda carecia de arquitetura interessante; quando percebo que houve um esforço por construir algo fora do comum, presto-lhe a devida atenção.

A verdade é que, depois de ter sido trazida para Roma pela família que me adotou, tive de aprender rapidamente os usos e os costumes deste local; em resultado, sei mais acerca dos mitos e dos monumentos romanos do que a maior parte dos habitantes nativos da cidade. Tinha uns quinze anos nessa altura e era muito curiosa. Com educação ao meu dispor, tendo aprendido a ler e a escrever,

eu devorava factos. Por vezes, isso ajudava-me no meu trabalho atual. No entanto, era mais comum que me fizesse maravilhar com a história e atitudes bizarras destes Romanos, que se julgavam senhores do mundo civilizado.

Pelo menos tinham uma história. Conheciam as suas origens. Já eu, não poderia dizer o mesmo a meu respeito.

O templo era uma homenagem a uma tríade: três deuses, todos juntos, todos sagrados e confortáveis no meio do incenso e dos bolos de mosto depositados. Para além de Ceres, a Mãe-Terra, uma dama robusta com molhos de trigo que era uma das doze grandes divindades do Olimpo, também albergava Líber e Libera, dois deuses menores de quem aposto que o leitor nunca tinha ouvido falar, filhos de Ceres, segundo julgo. Este culto triplo estava enraizado em rituais de fertilidade – bem pode gemer!

Como é óbvio, um grupo organizado de mulheres religiosas atarefava-se pelo templo. Nenhum altar sério pode deixar de ter gente metediça que se organize numa altiva assembleia de bruxas; é uma forma de as matronas locais poderem sair de casa uma vez por semana. A minha avó adorava: um punhado de mulheres de classe alta a dedicarem-se a atos de benevolência pela vizinhança, de cabeças viradas para baixo enquanto partilhavam mexericos tal como depois partilhariam vinho sem que os maridos ousassem censurá-las. A minha avó senatorial era uma mulher maravilhosa, ultrapassada apenas pela sua equivalente plebeia, cujo jugo doméstico era lendário por todo o Aventino. Se eu *a* mencionasse na banca onde ela costumava comprar raízes para fazer o seu caldeirão de caldo, o vendedor ainda fazia o gesto de fugir para as colinas.

Um culto a um templo pode ser um bom argumento para impedir que as mulheres controlem as coisas. Apesar de Ceres ser a portadora de abundância, favorecendo sobretudo gente comum, fiquei a saber que as suas devotas incluíam uma ave sovina, mimada desde que nascera, e que se considerava *muito* superior. Esqueçam lá a liberalidade. Os escravos públicos que varriam os degraus e faziam o papel de seguranças encaminharam-me para ela por eu ser

mulher, facto pelo qual não lhes estou grata. Talvez se tenham apercebido de que eu era de um género completamente diferente e quisessem rir-se um pouco.

Irmandade não foi algo que constasse da nossa reunião.

A arrogante rainha-sacra chamava-se Laia Graciana. Fora uma escrava quem mo dissera; ela não se apresentaria a si mesma, não fosse eu conspurcar-lhe o nome pronunciando-o. Enquanto ela era loura, eu sou morena; e aí apenas começavam as diferenças entre nós. Convenci-me de que era mais velha do que eu, embora de facto pudesse não o ser. Comportava-se como uma velha matriarca dominadora com cinco gerações de familiares amedrontados que receavam que ela alterasse o testamento se eles se atrevessem sequer a espirrar. As suas vestes eram de tecidos ricos, elegantemente drapeados com muitas dobras, ainda que de uma horrorosa cor castanho-avermelhada que algum tingidor astuto deveria ter ficado encantado ao impingir a uma idiota. Quando se levantou, decidida a fitar-me lá do alto, senti-me retesar por instinto. Percebi que ela sentia o mesmo – a meu ver, com muito menos motivos para tal.

– O que deseja?

– Estou à procura de Mânlio Fausto.

– Ele não irá recebê-la.

– E se fosse eu a perguntar-lhe? Vim em resposta a um aviso público que ele colocou.

O facto de eu defender a minha posição desnorteou-a. Com relutância, dignou-se a mencionar que os edis trabalhavam num gabinete de uma rua lateral junto ao templo. Suponho que só mo terá dito porque eu poderia ter ficado a sabê-lo facilmente através de qualquer outra pessoa.

Despedimo-nos com pouco afeto. Se, na altura, eu soubesse que os nossos caminhos voltariam a cruzar-se, ter-me-ia sentido ainda mais amargurada.

\*

As minhas duas irmãzinhas românticas acreditavam que estar tão aperaltada como eu me encontrava naquela tarde era garantia de que iria encontrar o amor da minha vida. Mas estava a parecer-me que não seria naquele dia. O meu primeiro encontro foi bem desagradável; enquanto observava um edifício vulgar que deveria ser o quartel-general da edilidade, um portento saiu desaustinado para a rua e foi contra mim. Irritado, resfolegou, apesar de não haver dúvida de que a culpa era dele. Estava demasiado ocupado a dobrar-se para parecer uma nulidade, um efeito que alcançava sem esforço algum. O velhaco não passava de uma túnica de cânhamo com uma barbicha incipiente. Não fazia mesmo o meu género. Desculpem lá, maninhas esperançadas!

– Oh, não se dê ao trabalho de pedir desculpa! É aqui o gabinete dos edis?

Recusando-se a responder, afastou-se de cabeça baixa. Quanto a mim, continuando a esfregar o braço magoado, ainda lhe fiz um gesto bem masculino, mas receio que tenha sido em vão.

Enquanto cambaleava para o interior do edifício, substituí o esgar pela minha expressão mais encantadora, com o intuito de impressionar quaisquer ocupantes. Não havia viva alma à vista.

Pequenos aposentos davam passagem a um estreito corredor de entrada. Seguia-se um pátio esqualido com uma fonte em miniatura em forma de concha, da qual corria um fiozinho de água que ia gorgolejando em soluços patéticos até escorrer por um trilho de limo verde abaixo, por fora da bacia. Havia mosquitos esperançosos em redor.

Permaneci imóvel por um instante, à escuta. Não bati à porta nem pigarreei. O meu pai também era informador privado e, segundo algumas pessoas (ele, por exemplo), era o melhor de Roma. Eu tinha sido treinada para correr riscos, abrir portas, observar o que me rodeava.

Sonhamos sempre encontrar um diário esquecido que revele um caso amoroso comovente – não que isso alguma vez me tenha acontecido. Nos dias que corriam, toda a gente era demasiado

cautelosa. Sob o domínio do nosso último imperador, quando as pessoas cometiam adultério – coisa que faziam como coelhos, pois ele era um déspota e as pessoas precisavam de se animar – não tomavam nota dos pormenores. Domiciano considerava que era seu dever sagrado punir o comportamento escandaloso. Os seus agentes andavam sempre à procura de indícios.

A repressão tinha-se espreado e alcançara os edis. Encorajados pelo nosso governante austero e sisudo, os vigilantes dos mercados tinham ainda mais escrúpulos naqueles tempos. Abatiam-se sobre burlas alfandegárias, pesagens fraudulentas e usurpação de terrenos, embora o alvo mais lucrativo fosse a prostituição. Ali no seu antro, eu via enormes arcas blindadas, onde podiam ser guardadas todas as coimas arrancadas a raparigas miseráveis em bares. As raparigas dos bares eram vítimas fáceis para a polícia de costumes. Tradicionalmente, sempre que uma empregada servia uma bebida a um cliente, este podia reservar um lugar no andar de cima como digestivo. Isso se quisesse apanhar chatos ou arriscar-se a ter de subornar um agente, no caso de as autoridades decidirem fazer uma visita surpresa àquele bar, em busca de prostitutas sem licença – que inevitavelmente encontravam.

Os subornos, calculava eu, iriam diretamente para as bolsas que os edis prendiam ao cinto. Poderia Mânlio Fausto ser comprado com uma peita? Quanto do seu vencimento proviria de luvas?

O edifício cheirava a pó. Era um lugar de pergaminhos para consulta esquecidos e mapas de parede já sumidos. Velhos bancos de madeira ocupavam salas de interrogatório desconfortáveis nas quais membros do público, para ali levados a fim de serem interrogados, passavam a sentir-se culpados pelo género de infrações das quais toda a gente espera escapar incólume. Houve uma coisa que me espantou: uma jaula com pernas de ferro, embora de momento sem prisioneiros.

\*